Medicina Veterinária

Tratamento de abrasão corneana em coruja-orelhuda (Asio clamator)

Letícia Guimarães Rufato - Graduanda do 7º período do curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras

Roberto Oliveira Mellem Kairala - Graduando do 4º período do curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras

Gustavo Junqueira Salles - Graduando do 7° período do curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras

Samantha Mesquita Favoretto - Médica Veterinária do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Lavras

Antônio Carlos Lacreta Junior - Docente do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras - Orientador(a)

Resumo

Asio clamator é uma ave da ordem Strigiformes presente na América do Sul e possui classificação “Pouco Preocupante” pelo o ICMBio. Rapinantes possuem visão aguçada e como esta é uma espécie de hábito noturno ou crepuscular, possui maior sensibilidade à luz. De suma importância, os olhos são órgãos frequentemente lesionados, ressaltando a importância do exame oftalmológico completo. Lesões traumáticas destes correspondem a 90% em rapinantes, e podem causar lesões ulcerativas, perda do epitélio e estroma corneano e o quadro pode ser complicado por infecções subjacentes. No dia 2 de julho de 2020, foi recebido, no Ambulatório de Animais Selvagens da UFLA, um filhote da espécie A. clamator, com histórico de trauma. Ao exame físico o animal apresentava escore corporal 2 (1-5), normohidratado, mucosas normocoradas. O exame oftálmico evidenciou reflexos pupilares diminuídos, olhos com opacidade difusa da córnea e, ao teste de fluoresceína, ambos apresentaram regiões de lesões difusas, profundas, de aproximadamente 11,3 mm no olho direito e 9,6 no olho esquerdo. A fluoresceína é um corante de caráter hidrofílico, que não cora o epitélio íntegro. A impregnação do corante na córnea permite a avaliação da profundidade da lesão: lesões superficiais no epitélio se coram fracamente, lesões profundas coram de forma marcante. No primeiro dia foi administrado manitol intravenoso, pelo histórico e sinais de trauma cranioencefálico e iniciado tratamento com pomada oftálmica a base de Cloranfenicol, antibiótico de amplo espectro, aplicada duas vezes ao dia. O tratamento durou 19 dias sem melhora clínica. Assim, trocou-se a base química para Gatifloxacino, quinolona de amplo espectro, sem que houvesse regressão das lesões. Decidiu-se realizar cultura e antibiograma da secreção lacrimal do saco conjuntival que indicou a presença de Staphylococcus sp., espécie pertencente à microbiota natural de corujas sadias e sensível à estreptomicina. Embora biótica, pode ser patogênica em alguns animais, especialmente em casos de desequilíbrio nas defesas naturais e presença de condições propícias, como lesão epitelial e imunossupressão, que pode ter sido desencadeada pelo estresse em cativeiro. Iniciou-se, então, tratamento com duas instilações por dia de tobramicina, um aminoglicosídeo, assim como a estreptomicina, associada a lubrificação com colírio composto por carmelose sódica, três vezes ao dia. Com esse tratamento o animal apresentou regressão completa da lesão em 14 dias.

Palavras-Chave: Olho, Coruja, Antibiótico.
Link do pitch: https://youtu.be/0kaOAvV3JdI